

A arte de viver em Agostinho da Silva

*Celeste Natário**

Decorreram já mais de dois anos sobre o nosso primeiro texto sobre Agostinho, texto esse resultante de um encontro que, sendo gratificante, constituiu para nós um grande desafio pelo deficiente conhecimento da obra deste singular pensador.

Todavia, quando na vida encontros desta natureza acontecem, torna-se difícil, senão impossível, afastarmo-nos assim de alguém que tanto nos marcou logo ao princípio, razão pela qual hoje algumas considerações ousamos de novo fazer, não por um conhecimento profundo e exaustivo da sua obra, mas por uma crescente empatia com o seu pensamento.

Com efeito, desde esse primeiro encontro, nunca mais de Agostinho nos conseguimos afastar. Ao invés, na sua companhia temos sentido, crescentemente, um raro acolhimento e afago, sobretudo pela sua tantas vezes desconcertante sabedoria, aquela verdadeira sabedoria, a sabedoria para a vida, que é, segundo cremos, a que mais importa.

Cumpre-se, na nossa perspectiva, essa sabedoria para a vida, no querer fazer o impossível – dado que, como lapidarmente escreveu o próprio Agostinho, “só há homem quando se faz o impossível; o possível todos os bichos o fazem”.¹ Ao contrário do que possa parecer, não é esse querer um acto gratuito, um gesto fantasista, mas uma aposta: no melhor de nós, no melhor do ser, no melhor da vida, porque só assim a vida é uma arte, porque só assim a vida pode ser um poema...

É esse o único caminho para uma vida autêntica, caminho onde todos os atalhos têm que ser explorados e onde, por isso, natural e espontaneamente

* Professora de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutoramento em Filosofia em Portugal, aprovada por unanimidade, com a tese intitulada: *O Pensamento Filosófico de Raul Proença*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002. Mestrado em Filosofia do Conhecimento pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a classificação final de Muito Bom, com a dissertação intitulada: *O Pensamento Dialéctico de Leonardo Coimbra, Reflexão sobre o seu valor antropológico*, sob a orientação do Prof. Eduardo Silvêrio Abranches de Soveral, em 1994.

o paradoxo emerge, qual feixe de forças tensivas, senão mesmo antagônicas, tão-só o resultado da aceitação do todo e do tudo que na vida vai sendo... Realiza-se, esse caminho, numa contínua batalha contra o que desvia o homem da plenitude, por Agostinho entendida como o nosso único dever, o horizonte para uma existência com real significado e valor.

É uma existência assim concebida que torna activo e dinâmico o pensamento deste homem que se interpelando nos interpela, que se revelando nos revela e coloca perante um olhar plural sobre o mundo, a vida e o homem, olhar esse que, pela sua inexcedível disponibilidade de escuta, ao mesmo tempo nos diz que só o Amor pode conduzir a Humanidade pelos mais elevados rumos, pois que, como escreveu Agostinho, só o Amor, esse “outro” Amor – “outro” porque verdadeiramente pleno – é “capaz de sacrificar todas as possibilidades de quem o sente, para que o inferior não fique na sua inferioridade”²

Por assim ser, é esse Amor simultaneamente humano e divino, é esse um Amor que acontece por uma espontânea adesão, disponibilidade de escuta, comunhão, irmanação – no dizer de Paulo Borges, “um amor omnicompreensivo e unitivo que, sendo místico, no sentido de consistir na fusão com o fundo último e inexprimível do real, não deixa de ser criador, pois consubstancial ao Infinito agostiniano, simultaneamente humano e divino, no qual Deus e as mentes co-inventam a cada instante a si e ao mundo”³

Por assim ser, simultaneamente humano e divino, “omnicompreensivo e unitivo”, é esse um Amor que tudo supera e transfigura pela “atenção contínua e profunda ao que mais vale em si”, resultante daquela doação que só pode decorrer de uma inteira entrega de todo o nosso ser ao que verdadeiramente é... Essa consonância entre o que se é e o que se pensa, entre o ser e o pensar, é, aliás, na nossa perspectiva, o que mais singulariza o seu pensamento filosófico, apesar de Agostinho recusar esta classificação bem como outras similares designações, chegando inclusivamente a escrever, em *Conversação com Diótima*, “eu não sou um filósofo (...), sou um poeta: mais imagino a vida que a explico...”⁴

Deseja Agostinho que a missão dos homens seja a de realizar o que está, *a priori*, para além do seu alcance, o tal “impossível”, o que é também um modo de libertação de si próprio e de transcensão do egoísmo, na abertura amorosa a toda a alteridade. Certamente que não é fácil esta tarefa. É, ao invés, a mais difícil, a mais “impossível”. Ainda e sempre, tudo está, contudo, nas nossas mãos. Assim o queiramos – como escreveu ainda o próprio Agostinho: “Felicidade ou paz nós a construímos ou destruímos: aqui o nosso livre-arbítrio supera a fatalidade do mundo físico

e do mundo do proceder e toda a experiência que vamos fazendo, negativa mesmo para todos, a podemos transformar em positiva”⁵

Sozinho tanto no nascer como no morrer, tendo como “única companhia a daquele Deus a um tempo imanente e transcendente”, o homem, tomando sobre si o espírito do amor – o mesmo é dizer, tão-só, o próprio Espírito –, seguirá no mundo o caminho que o levará, o elevará, ao mais alto, ao além de si mesmo, já que este Amor tudo funde, unifica e redime, por uma elevação do humano ao divino... É este um caminho de santidade, de transcensão, o único caminho através do qual o homem verdadeiramente se cumpre, ao descer ao mais fundo de si, à sua mais funda verdade, ascendendo, nessa descida, ao que mais absolutamente o transcende, a própria “plenitude de Deus”. Ainda nas palavras de Agostinho, é essa a nossa única “obrigação”: “Para o homem existe apenas uma obrigação: a de atingir a plenitude de Deus. E só por um meio o alcançar: o de, ao longo da vida, se tornar no homem que é”⁶

Não se trata pois aqui de um caminho de alienação, nem, muito menos, de negação de si. O homem não se aliena nem, muito menos, se nega ao cumprir este caminho. Muito pelo contrário, cumpre-se, assim, pois, nele se afirmando o mais possível... Para Agostinho, com efeito, o homem e Deus não são rivais, não tendo, por isso, que se combater entre si. Daí que nem o homem se afirme na negação de Deus nem Deus se afirme na negação do homem. Ao invés, o homem tanto mais se afirmará quando mais se afirmar em Deus... De resto, para Agostinho, Deus não é sequer um real “outro” para o homem. Como escreveu na sua *Doutrina Cristã*, que tanta polémica levantou na altura da sua publicação, “pode-se, sem blasfémia, falar não de Deus mas apenas do Universo, com Espírito e Matéria, formando um todo indissolúvel.”⁷

Terá sido Agostinho, ao escrever estas palavras, um herético ou, ao invés, um santo?... Nem uma coisa nem outra, a nosso ver. Se é verdade que a vida de Agostinho manifesta uma tal autenticidade que chega a afigurar-se, no sentido mais comum do termo, como a vida de um santo, e não apenas como a vida de um homem, a verdade é que Agostinho foi apenas isso: um homem. Nem sequer um homem perfeito, mas, apenas, um homem. Um homem que, contudo, quis a perfeição – como fez questão de frisar, é esse, aliás, o estado mais perfeito do homem: “Não há homens perfeitos; há quando muito (...) homens que querem ser perfeitos.”⁸ E que, por isso, sem o querer, se tornou para todos nós um exemplo. Um exemplo de procura da perfeição, do “impossível”. Um exemplo de como fazer da nossa vida um poema. Um exemplo de como fazer da nossa vida um caminho que vale realmente a pena percorrer até ao fim. Um exemplo, em suma, da arte de viver.

Notas

- 1 Cf. *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, org. de Paulo A.E. Borges, Lisboa, Âncora, 1999, vol. I, p. 268.
- 2 Cf. *Conversação com Diotima*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, ed. cit., vol. I, p. 167.
- 3 Cf. *Agostinho da Silva: uma antologia*, org. e apres. de Paulo A.E. Borges, Lisboa, Âncora, 2006, p. 123.
- 4 Cf. *Conversação com Diotima*, ed. cit., p. 169.
- 5 Cf. *Só Ajustamentos*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, ed. cit., vol. II, p. 94.
- 6 Cf. *Pensamento à solta*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, ed. cit., vol. II, p. 162.
- 7 Cf. *Doutrina Cristã*, in *Textos e Ensaios Filosóficos*, ed. cit., vol. I, p. 81.
- 8 Cf. *Conversação com Diotima*, ed. cit., p. 168.

Resumo

Para nós, Agostinho da Silva é um exemplo: um exemplo de procura da perfeição, do “impossível”, um exemplo de como fazer da nossa vida um poema, um exemplo de como fazer da nossa vida um caminho infinito, um exemplo da arte de viver.

Palavras-Chave: Agostinho da Silva; exemplo; arte de viver.

Abstract

For us, Agostinho da Silva is an example: an example of search for perfection, for the “impossible”, an example of how to make one’s life a poem, an example of how to make one’s life an infinite pathway, an example of the art of living.

Keywords: Agostinho da Silva; example; the art of living.